

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

INTRANSITIVIDADE CINDIDA EM APINAJE E SUAS
POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES

Laísa Fernandes Tossin

Brasília
2009



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**INTRANSITIVIDADE CINDIDA EM APINAJE E
SUAS POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES**

Laísa Fernandes Tossin

Brasília
2009



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**INTRANSITIVIDADE CINDIDA EM APINAJE E SUAS
POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES**

Laísa Fernandes Tossin

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Brasília
2009

T715i

Tossin, Laísa Fernandes.

Intransitividade cindida em Apinaje e suas possíveis motivações /

Laísa

Fernandes Tossin.

– Brasília, 2009.

69 p.; il.; 29 cm.

Dissertação de mestrado Universidade de Brasília,
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas,
do Instituto de Letras, 2009

1. Sintaxe. 2. Linguística. 3. Línguas indígenas brasileiras.

I. Título.

CDU 809.8

CDD 498



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas
Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Dissertação de Mestrado

INTRANSITIVIDADE CINDIDA EM APINAJE E SUAS POSSÍVEIS
MOTIVAÇÕES

Laísa Fernandes Tossin

Orientador: Prof. Dr. Antonio Augusto Souza Mello (UnB)

Banca examinadora:

Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira (UFG)

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (UnB)

Profa. Dra. Heloísa Salles – suplente (UnB)

A meus filhos, Júlia e Pedro.

“A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem.”
T. Givón

AGRADECIMENTOS

A Deus, sobre todas as coisas, pois me fez mulher e guerreira.

À minha mãe, Valquíria Fernandes Tossin, que assumiu a condução da vida de meus filhos com mão firme e amor no coração, eterna gratidão.

A meu pai, Léo Nivaldo Tossin, pelas caronas a toda e qualquer hora.

À minha irmã, Moema Tossin, por ter se mostrado disponível e ‘segurar a onda da molecada’ no momento mais urgente e delicado.

A Juliana Santos e Eduardo Vasconcelos pela amizade e cumplicidade nesta jornada desafiadora, pela cervejinha, pelo samba no pé e por toda a organização mental que puderam me proporcionar.

A Fernando Giacomitti pelas horas de desabafo e por enxugar minhas lágrimas no momento em que tudo parecia desmoronar.

A Renata e Bruno, servidores da secretaria do Programa de Pós-graduação em Linguística, pelo atencioso e dedicado trabalho.

A Amy Winehouse, Clara Nunes e Julieta Venegas, embora elas não saibam, pela companhia constante nas manhãs, tardes e noites em que foi elaborada esta dissertação.

Epa hey Oyá!

Resumo

Neste trabalho, apresentamos a expressão das marcas pessoais utilizadas nos verbos intransitivos e descritivos em Apinaje com o intuito de discutir e aprofundar o estudo a respeito da intransitividade cindida nesta língua, e de identificar o contraste semântico subjacente às diferentes formas de marcação de pessoa. Propomos que há a possibilidade de a marcação pronominal em Apinaje ser determinada por uma combinação de regras, possivelmente apresentando interferências semânticas.

Palavras-chave: Sintaxe. Intransitividade Cindida. Marcação de Pessoa.

Abstract

In this work, we present the case marking system in Apinaje intransitive and descriptive verbs in order to discuss and deepen the study on the split intransitive in that language, and identify the underlying semantic contrast of the different ways of case marking. We propose that there is the possibility of pronominal marking in Apinaje being determined by a combination of rules, possibly under semantic interferences.

Keywords: Syntax. Split intransitivity. Case marking.

Lista de Quadros

- Quadro 1: Perspectiva populacional entre os Apinaje, 26*
Quadro 2: Alinhamento, 40
Quadro 3: Propriedades do argumento principal, 41
Quadro 4: Propriedades dos elementos no discurso, 42
Quadro 5: Mapeamento dos papéis semânticos e das relações gramaticais, 43
Quadro 6: Critério [+ evento; + controle], 46
Quadro 7: Critério [+ evento; - controle], 46
Quadro 8: Critério [- controle; - PIE], 47
Quadro 9: Critério [- evento; + controle], 47
Quadro 10: Critério [- controle; - afetado], 48
Quadro 11: Critério [- controle; + afetado], 48
Quadro 12: Pronomes da Série I e prefixos da Série II, 51
Quadro 13: Comparação entre agje e λr , 57
Quadro 14: Comparação entre ča e kuʔe, 58
Quadro 15: Resultados da marcação de pessoa, 62

SUMÁRIO

Lista de Quadros	
Introdução	21
1 Sobre o povo e a língua Apinaje	23
1.1 O povo Apinaje	24
1.1.1 Nome	24
1.1.2 Localização	25
1.1.3 População	25
1.1.4 Cultura	26
1.2 A língua Apinaje	29
2.2.1 O Estado da Arte	29
1.3 A presente pesquisa	30
1.4 Perspectiva teórica	31
1.4.1 Da origem da linguagem	31
1.4.2 A rotina é a gênese da gramática	32
1.4.3 Sobre o Funcionalismo	33
1.4.4 Sobre a abordagem Tipológica	35
1.5 Metodologia	36
2 Bases Teóricas	38
2.1 Categorias Universais	38
2.2 Alinhamento	39
2.2.1 Cisão	42
2.3 Papel semântico do verbo	43
2.4 Verbos intransitivos e verbos descritivos em Apinaje	51
3 Análise dos dados	54
3.1 Avaliação de critérios semânticos no Apinaje	55
3.1.1 Traços criteriais[+evento; +PIE; +controle]	56
3.1.1.1 Comparações entre verbos [+evento; +PIE; +controle]	57
3.1.2 Traços criteriais [+evento; +PIE; -controle]	59
3.1.3 Traços criteriais [+evento; -PIE; -controle]	60
3.1.4 Traços criteriais [-evento; +PIE; +controle]	61
3.1.5 Traços criteriais [-evento; -PIE; -controle; ±afetado]	61
3.1.5.1 [-evento; - PIE; - controle; + afetado]	61
3.1.5.1 [-evento; - PIE; - controle; - afetado]	62
3.2 Conclusões	62
4 Considerações finais	64
4.1 Hipóteses de pesquisas e objetivos propostos	64
4.2 Resultados apontados na pesquisa	64
Referências	67

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação de mestrado é investigar entre as duas categorias de verbos intransitivos do Apinaje - os intransitivos propriamente ditos e os descritivos - o contraste semântico subjacente às diferentes formas de marcação de pessoa. A categorização dos verbos em intransitivos e/ou descritivos é aquela elaborada por Christiane Oliveira em artigo publicado em 2003, no qual apresenta argumentos que justificam a existência de verbos descritivos no Apinaje. Tais verbos se expressam por vocábulos referentes a propriedades e/ou estados.

Apresento os pressupostos teóricos que fundamentam o presente estudo no capítulo 2, recorrendo, a princípio, sobre a universalidade das categorias sintáticas que têm, em sua origem, o fato de que todas as línguas naturais dividem as palavras em categorias, com maior ou menor grau de variação na intensidade de reificar as coisas do mundo, determinadas pela necessidade do falante de organizar seu discurso (DeLANCEY, 2008).

Discuto o funcionamento do alinhamento explicitando as posições de diversos autores sobre o tema e resalto as questões pertinentes à intransitividade cindida, na qual a marcação de pessoa do verbo intransitivo recebe marca igual à do argumento externo de verbo transitivo.

Relato, ainda, as assertivas de diversos autores sobre o papel semântico do verbo, em especial, dos verbos intransitivos, em destaque os pensamentos de Givón (2001) e Mithun (1991) sobre o assunto.

Início a discussão a respeito do fenômeno linguístico no Apinaje, língua em que existem duas classes de verbos intransitivos que codificam diferentemente o sujeito: os intransitivos (propriamente ditos) e os descritivos (os quais expressam significados adjetivais), apresentando as duas séries de marcas pessoais identificadas por Oliveira (2003). Teço considerações a respeito do que está em jogo nas relações de marcas de pessoa que determinam a intransitividade cindida no Apinaje, levantando a possibilidade de que esta poderia ser motivada por questões semânticas.

Utilizo como pressupostos teóricos, para orientar a análise, a perspectiva tipológica como apresentada em Mithun (1999), que identifica como parâmetros para o controle da

intransitividade cindida critérios semânticos, tais como controle, evento, afetatividade, respeitando as variações que cada língua apresenta de acordo com suas regras de controle da cisão.

O sistema Apinaje baseia-se principalmente na distinção lexical, identificado como ativo/estativo (corroborando a análise de Oliveira 2003; 2005). Tomando-se em conta as marcações de pessoa apresentadas nas subdivisões por critério semântico como propõe Mithun (1991:524), e comparando-as com as encontradas no Apinaje, podemos dizer que, na maioria das vezes, utiliza-se o sistema de marcação de pessoa ativo/estativo.

Percebemos que todos os verbos categorizados pelo critério [+ evento] possuem duas formas de marcação de pessoa, sendo ora marcada com pronomes da Série I, ora com pronomes da Série II, ou seja, o falante seleciona o argumento mais relevante no contexto de construção de sua frase.

O traço [+ evento] é, consideravelmente, importante para a determinação da marcação de pessoa, porém sofre influência de outro traço: a afetatividade. Quando o falante pretende enfatizar o evento, usa marcas pessoais de sujeito agente, quando pretende enfatizar o resultado do evento, usa marcas de sujeito paciente. Consideraremos então que, de uma combinação entre os traços [\pm controle] e [\pm afetado] em verbos [+ evento], provém a distinção entre marcas pessoais no Apinaje.

1 Sobre o povo e a língua Apinaje¹

Antes de me ater a informações pertinentes ao povo falante da língua aqui estudada, apresentarei o autor que as tornou relevantemente conhecidas no meio científico: Curt Nimuendajú.

Como coloca Melatti², Curt Nimuendajú era tão surpreendente quanto as sociedades que estudava. O admirável a respeito de Nimuendajú era o fato de não ter curso universitário, não ser docente de instituições acadêmicas, não possuir orientação teórica alguma, visto que não era evolucionista, nem difusionista, tão pouco funcionalista ou estudioso das relações entre cultura e personalidade e, embora com tantos atributos negativos, se destacava entre os demais por realizar pesquisas de campo frequentes, defender os direitos indígenas e, sobretudo, realçar justamente as características mais marcantes das sociedades que estudava.

Assim como o inimaginável autor, os povos por ele descritos causavam igual espanto. Apesar de serem sociedades em que a cerâmica era inexistente, assim como tecidos, redes, farinha de mandioca e todos os utensílios relacionados a esta atividade, tais como ralador, forno, prensa etc., dispunham de intrincadas subdivisões sociais, tais como metades, clãs, classes de idade, associações, e ainda uma vida ritual intensa na qual as plantas desempenhavam papel simbólico importante (MELATTI, 2009).

Não só de estranhamentos é feita a produção etnográfica de Nimuendajú. Ele estabeleceu um formato para a redação de suas monografias que se tornou modelo; nas palavras de Melatti (2009):

Dir-se-ia que Nimuendajú segue uma forma pré-estabelecida de apresentação, seja elaborada por ele próprio, seja baseada em algum guia de trabalho de campo do tipo *Notes and Queries on Anthropology*. Aliás, tal esquema deve estar possivelmente explicitado e justificado no artigo "Sugestões para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil", baseado em aulas improvisadas que Nimuendajú deu a Harald Schultz, no Rio de Janeiro, em 1943, o qual as resumiu e as entregou à revisão do primeiro.

¹ Utilizo a grafia com 'j' e 'e' não acentuado com o sinal agudo, como estabelecido pelos próprios Apinaje na formulação da grafia unificada de sua língua. (GIRALDIN, 2001).

² Palestra proferida em 28 de abril de 1983, em Curitiba, no 3º Curso de Indigenismo, que teve como tema a Vida e Obra do Etnólogo Curt Nimuendajú, de quem então se comemorava o centenário de nascimento, organizado pelo Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura e do Esporte, coordenado pela Profa. Cecília Maria Vieira Helm, e pelo Museu Paranaense, dirigido pelo Prof. Oldemar Blasi. Publicada na *Série Antropologia* nº 49, Brasília: UnB, 1985.

O manuscrito, traduzido do alemão por Egon Schaden e prefaciado por Herbert Baldus, foi publicado na revista *Sociologia*, em 1946 (São Paulo, vol. 8, nº 1, p. 36-44). (MELATTI, 2009).

Como descreve Melatti, Nimuendajú sempre inicia seus textos com dados históricos, após os quais discute o nome da tribo e, depois, classifica a língua. Seguem-se as divisões da tribo e a organização familiar. Ao final, jogos, guerra e lei precedendo o capítulo sobre religião. Em praticamente todos os trabalhos, os mitos encerram o volume.

Neste trabalho, corrompo a ordem clássica e inicio, por admiração ao estudioso, com este breve informativo sobre sua produção etnográfica, como se Nimuendajú fosse, também, parte da história destas populações índias.

Melatti ilustra muito bem esta assertiva com a seguinte história:

[...] um episódio que, salvo engano, foi contado por Roberto da Matta nas inesquecíveis conversas que antropólogos e estagiários mantinham durante o almoço em torno das mesas do restaurante do Museu Nacional, onde de tudo se falava. Numa de suas pesquisas de campo Matta ouviu contar que em certa sexta-feira santa Nimuendajú deixou uma aldeia apinajé para fazer compras em Tocantinópolis. Entrou na cidade pintado e ornamentado como um apinajé, sendo por isso repreendido por um comerciante, que lhe perguntou como podia andar daquela maneira num dia santo tão cuidadosamente guardado. Nimuendajú, apontando os adornos apinajés, respondeu-lhe: — Esta é a minha religião! (MELATTI, 2009).

1.1 O povo Apinaje

1.1.1 Nome

Apinayé ou Apinaje não é a autodenominação do grupo, que se autodenomina Panhi³. Curt Nimuendajú nos dá outra designação: o termo *hôt* ou *hôto*, que significa ‘canto’ e se refere ao território tradicional dos Apinaje, localizado na região conhecida como Bico do Papagaio. Esse grupo se caracteriza pelo formato redondo de suas aldeias e pela corrida de toras no entorno da aldeia⁴.

³Fundação Cultural do Governo do Tocantins. <http://cultura.to.gov.br/conteudo.php?id=27>

⁴Fonte: Instituto Socioambiental

tribo, mas com a minha chegada, as condições melhoraram um pouco. Em 1930 passei uma semana entre eles, e em 1931, dois meses. Quando os visitei novamente em 1932, demorando-me seis semanas, notei uma recaída moral e material em consequência de uma epidemia de febres que deixava poucas esperanças para o futuro. Foi por isso que, voltando em 1937, pude constatar com enorme satisfação que os apinajés, apesar de uma epidemia de varíola no ano anterior, estavam criando novo alento, o seu número tinha até aumentado para 160 indivíduos. Nesse ano demorei-me com eles por dois meses. (NIMUENDAJÚ, 1983).

Em aproximadamente 100 anos, tempo necessário para que o organismo dos Apinaje adquirisse resistência imunológica às doenças contraídas da sociedade envolvente, houve uma redução de 97% da população total. De acordo com os levantamentos populacionais realizados por diferentes órgãos ao longo do tempo podemos observar um crescimento populacional a partir dos anos 1970, o que registra a recuperação depois do contato que causou grande depopulação.

Quadro 1: Perspectiva populacional entre os Apinaje

	Fonte	Número de índios
1967	Matta	253
1977	Waller	364
1980	Galvão	413
1985	Funai	565
1993	CTI	780
1997	Funai	1.025
2003	Funasa	1.262

Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/apinaje/61>

1.1.4 Cultura

Pode-se considerar como as referências bibliográficas mais importantes para a identificação e interpretação dos mitos e rituais deste povo; a obra de Nimuendajú, intitulada Os Apinayé - descrição minuciosa e precisa dos vários aspectos da cultura do grupo, realizada entre os anos 1927 e 1937 -; o livro de DaMatta, intitulado Um mundo dividido: A Estrutura Social dos Índios Apinayé - resultado de uma pesquisa desenvolvida

nos anos 1960 e 1970 -; e a tese de doutorado de Giralдин, intitulada *Axpên Pyrâk: História, Cosmologia, Onomástica e Amizade Formal Apinaje* - pesquisa recente realizada na última década do século XX. Esses três trabalhos se complementam, pois traçam uma linha temporal na qual se pode observar as mudanças causadas pela depopulação e pelo contato com a sociedade abrangente.

Como fio condutor que pode unir os pontos temporais, podemos nos valer da cultura material, pois traz em sua existência a manutenção da memória dos ofícios ou a perda destes, servindo como balizador das mudanças ocorridas nos hábitos da população, assim como seu esforço por resgatar conhecimentos tradicionais (OLIVEIRA; MARTINS, 2008). Nimuendjú listou o artesanato como sendo bastante variado. A cestaria é composta de dois tipos de bolsa de palha de buriti, um tipo de cesto de carga de palha de buriti, um tipo de patrona de caça de palha de buriti, um tipo de caixa com tampa para guardar miudezas de palha de babaçu, um tipo de cesto de carga de palha de babaçu e um tipo de cesto para guardar miudezas de palha de babaçu. Ainda, sete tipos diferentes de bordunas; a esteira de descansar ou dormir de palha de babaçu; o carregador de criança de palha de buriti; as cabaças de carregar/armazenar água pintadas e ornamentadas; o tipiti de palha de buriti; os brinquedos; a joalheria, entre outros.

Para Oliveira (2009), a drástica redução da população, que resultou na existência de apenas 3% da população original estimada, pôs em risco a existência de representantes da memória coletiva, como contadores de história, cantadores, organizadores de rituais, lideranças políticas, portadores da memória técnica dos ofícios, mas, mesmo assim, esta memória se propagou a ponto de mantê-los distintos das demais etnias do Brasil e dos povos não indígenas.

DaMatta (1976) identificou dois pares de metades: *koti/koré* e *ipoghotxwin/krenhotxwain*, sendo a primeira estabelecida através dos nomes pessoais ou do ambiente doméstico (as casas) e também periférico - devido à forma circular das aldeias, as casas ocupam a parte externa-, ficando o pátio no centro e, portanto, diametral. E a segunda estabelecida pela amizade formal ou pela vida social, centralizada no pátio e, portanto, concêntrica. Assim, a concepção de mundo dos Apinaje estaria baseada nestas relações duais.

Giraldin (2001) contesta DaMatta quanto à exclusividade dual da divisão em pares opostos e argumenta que o mundo é concebido como unificado pelos Apinaje, apontando o *karõ* (espírito/alma – *mẽ karo*, no plural) como o elemento que promove esta interrelação, pois está presente em tudo, à exceção da terra e da água. Destaca que o mundo vegetal tem grande importância no estabelecimento das metades e da hierarquia da vida apinaje (forte e fraco), não só do ponto de vista farmacológico, mas porque o mito de origem do povo é a transformação das cabaças cultivadas pelo Sol e pela Lua nos primeiros apinaje. Ainda segundo Giraldin, existe uma relação hierárquica entre os mundos, sendo o vegetal o mais forte, por isso sobrepuja os demais, sendo utilizado inclusive como medicina (*kane*) para curar os malefícios causados pelos outros reinos: o animal e o mineral.

Em depoimento de um *wajaga* (pajé) a Giraldin (2001), aquele afirma que o *karõ* nasce no útero da mãe, junto com o bebê. Parece-me que à semelhança da cabaça é o formato do útero em gestação de um bebê e assim, o surgir dos primeiros Apinaje, se repete simbolicamente a cada nascimento.



Jovem família Apinaje.

Foto: Fotógrafo, Geógrafo e Pesquisador: Fernando Gomes da Silva, 2005.

Fonte: disponível em: <sublimesformasdocerrado.blogspot.com>; acesso em: 27/10/2008

1.2 A língua Apinaje

A classificação tradicional (Rodrigues, 1999) apresenta os Apinaje como um dos povos do grupo Timbira integrantes da Família Jê do tronco Macro-Jê. Pertencem ao grupo Timbira: Canela (MA), Krahô (TO), Gavião Pykobjê e Krikatí (MA), Gavião Parkatejê (PA) e, por fim, Apinaje (TO). Essa classificação é bastante discutida.

Segundo Nimuendajú (1983: 7), “a língua dos Apinajé forma um dialeto próprio da língua Timbira, nitidamente distinto do grupo de dialetos dos Timbira de Leste do Tocantins e aproximando-se muito da língua dos Kayapó Setentrionais”.

Esta perspectiva é reforçada por Rodrigues (1999) que entende o complexo linguístico Timbira composto pelas variantes faladas pelos Canela (Ramkokamekrá e Apãniekrá), Krikatí, Pykobjê (Gavião do Maranhão), Krejê, Gavião Parkatêjê, Krahô e considera que os Apinaje, embora do ponto de vista cultural possam ser considerados um povo Timbira, da perspectiva linguística, aproximam-se mais da língua Kayapó.

Castro Alves (2004: 7) apresenta alguns aspectos para justificar o distanciamento linguístico entre os Apinaje e o Timbira.

uma análise mais apurada mostra que o Apinajé não compartilha o mesmo sistema gramatical que o Timbira (com relação, por exemplo, à marcação de caso). Por isso, do ponto de vista da Linguística Descritiva, é preciso considerar o Apinajé e o Timbira como línguas diferentes.

1.2.1 O Estado da Arte

Entre os estudos linguísticos já realizados sobre o Apinaje, exponho aqui a produção do Summer Institute of Linguistics (SIL), que apresenta volumoso vocabulário, em especial, termos referentes à saúde e expressões corriqueiras de fala. Segundo as autoras, as expressões escolhidas foram aquelas que mais se adaptavam ao processo de contato intercultural pelo qual passavam os Apinaje à época do trabalho de campo. Constam também dessas publicações exercícios para a aprendizagem e prática da língua pelos missionários.

As quatro publicações do SIL, produzidas nas décadas de 1960 a 1980, apresentam brevemente aspectos da gramática, estrutura e tipos de frases, listam aspectos do uso dos verbos transitivos, classificando-os em dois tipos: aqueles que apresentam o objeto implícito (utilizando o prefixo acoplado ao verbo) e aqueles que apresentam o objeto explícito.

O texto de Linda Koopman, **Cláusulas semânticas em apinajé**, trata de mesmo tema que esta dissertação. Apresenta 20 tipos de papéis e descreve suas relações com os participantes envolvidos em determinados processos (verbos). Também estão elencadas produções bibliográficas para pesquisa.

Mais atualmente, esta língua tomou lugar nas produções acadêmicas com algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado dedicadas a ela. Exemplifico com os trabalhos de mestrado em sociolinguística de Francisco Albuquerque, pela Universidade de Goiás, e em fonética de Andrés Salanova, pela Universidade de Campinas, e a elaboração de gramática e dicionário em tese de doutorado de Christiane Oliveira, pela Universidade de Oregon.

1.3 A presente pesquisa

Em decorrência das inúmeras trocas de orientadores, por várias razões às quais não cabe aqui julgamento, esta dissertação foi elaborada com trabalho exclusivo de pesquisa bibliográfica. Ressalto que os aspectos da sintaxe da língua Apinaje, aqui investigados, foram baseados nos dados publicados sobre a língua em trabalhos científicos. Destarte, não realizei idas às Terras Indígenas Apinaje para constituição do *corpus* linguístico.

Com posse, em mãos, de material pertinente à língua, assim como de literatura teórica, procedi à leitura e ao fichamento dos autores, seguidos de organização e análise dos dados publicados por outros autores.

Reconheço que, para a proposta desta dissertação, que é analisar semanticamente a marcação de pessoa nos verbos intransitivos, a ausência de trabalho de campo pode vir a comprometer a qualidade da interpretação dos dados, visto que não houve o convívio com a população falante. Porém, devido ao pouco tempo disponível para a preparação desta dissertação, a pesquisa bibliográfica se apresentou como a melhor opção de trabalho.

1.4 Perspectiva teórica

1.4.1 Da origem da linguagem

Há três milhões de anos consolidaram-se, em termos biológicos, os traços estruturais dos humanos idênticos aos atuais, entre eles o andar bípede, a expansão da caixa craniana e a alteração dos ciclos astrais de fertilidade das fêmeas por menstruações, o que tornou a sexualidade feminina contínua e não mais sazonal, intensificando a convivência em grupos sociais. O andar bípede possibilitou transportar alimentos e, portanto, compartilhá-los com os outros integrantes do grupo, permitindo a machos e fêmeas cooperarem na criação dos filhos. A constante cooperação e a necessária coordenação comportamental teriam constituído, então, o ambiente linguístico propício ao desenvolvimento e à expansão da capacidade de reflexão que deu origem à linguagem (MATURANA; VARELA, 2001).

Maturana e Varela (2001) propõem que a estabilidade social como unidade se dá mediante mecanismos tornados possíveis pelo funcionamento linguístico e que toda a coerência que une consciências desconectadas em prol de um funcionamento comum demonstra a existência de um mecanismo que opera constantemente dentro de cada um, a contínua recursão do ‘eu’ que permite a coerência e a adaptação ao domínio da linguagem, mantendo-o como indivíduo, apesar de todas as perturbações do meio e de si próprio.

Para os teóricos da ação, a análise dos dados deveria ater-se às atividades do homem ao invés de preocupar-se com grupos e seus símbolos, pois os indivíduos e as coalizões livres que fazem são, logicamente, anteriores aos grupos e à sociedade. (...) De fato são, mas no que se refere ao indivíduo biológico. Porém a parte mais importante da natureza humana se adquire na sociedade por meio da socialização. Não que o homem seja diminuído por esta realidade, nem que sua natureza e sua vontade próprias sejam determinadas por ela. O homem também desenvolve uma autonomia, seu eu, mediante o qual se relaciona com a sociedade. A relação entre homem e sociedade é, por consequência, uma relação dialética (RADCLIFFE-BROWN 1952: 193-4)⁷.

⁷ RADCLIFFE-BROWN, A.R. Structure and Function in Primitive Society. London: Cohen and West, Ltd, 1952.

Assim, de acordo com Engels (1952), o aparecimento da linguagem, no homem e no contexto social, permite o desenvolvimento da mente e da autoconsciência, ambas pertencentes ao domínio social no qual ocorre sua dinâmica, como a experiência mais íntima do ser humano, por isso, sem o desenvolvimento histórico das estruturas adequadas, não é possível entrar no domínio humano, pois é a rede de interações linguísticas que faz de nós o que somos.

Portanto, fica claro que a habilidade dos humanos em aprender e usar a linguagem é parte da herança evolutiva da espécie, porém a existência de uma sintaxe desenvolvida e aprendida não é tão óbvia assim. O desenvolvimento do córtex é definitivamente associado à habilidade de adquirir e acessar o léxico vasto e interconexo característico da linguagem humana. Porém, esta adaptação por si só não é suficiente para explicar a capacidade da linguagem (MATURANA; VARELA, 2001).

1.4.2 A rotina é a gênese da gramática

Como vimos anteriormente, o convívio social se torna importante, pois é por meio dele que se estabelece a prática do trabalho, de executar tarefas repetidas com finalidade e resultados semelhantes. Assim, as atividades que são repetidas regularmente ao longo do tempo por uma comunidade inteira ou por alguns integrantes dela, acabam por desenvolver um contexto, um método ou ferramentas especialmente elaboradas para aquele fim. Neste círculo de convívio e aprendizagem, o contexto, as ferramentas especialmente desenvolvidas ou o método será aprendido como parte da cultura da comunidade para que as gerações sucessivas não tenham que inventar novas estratégias para lidar com problemas que seus antecessores já resolveram (MATURANA; VARELA, 2001).

Mas onde entra a sintaxe? No ambiente primordial que imaginamos, a rotina é comportamento universal dos humanos. A linguagem, que a partir da rotina decorre, também é. Compreendemos, então, que em um momento inicial não existia ordem de palavras e que esta se estabeleceu arbitrariamente em cada comunidade de falantes. Tanto quanto as tarefas tiveram suas etapas estabelecidas para maior sucesso, a linguagem foi determinada para maior eficácia comunicativa e menor trabalho mental adquirido somente pela repetição dos hábitos. Tal desenvolvimento da linguagem se deve a uma sequência

complexa de mudanças, que Givón sugere como sendo: monovocabular > dois vocábulos > multiproposicional, com níveis crescentes de arbitrariedade. (MATURANA; VARELA; DELANCEY; GIVÓN, 2001, 2008, 1995).

Givón (1995) concebe a existência de uma protogramática, com suas regras encontradas ainda na língua gramaticalizada e sustenta que o aparato neurológico específico para o processamento da linguagem humana é o desenvolvimento evolucionário do sistema de processamento de informação visual. Assim, o processo supõe a passagem de um sistema natural para um sistema simbólico, sendo o código gramatical a última adição evolucionária à comunicação humana.

Seguindo o pressuposto de que quanto menos uma teoria tiver que explicar, melhor é, lidamos com uma estratégia de pesquisa que provê explicações atreladas o mais possível aos construtos da neuropsicologia já estabelecidos, em uma tentativa de identificar resíduos irreduzíveis que possam refletir estruturas mentais preexistentes. Esta estratégia de pesquisa é essencialmente o Funcionalismo (DELANCEY, 2008).

As linguists, we are ultimately responsible for explaining everything, and if you're left with an irreducible residue, then you know you have to start thinking that some aspects of the subject matter might just be given (DELANCEY, 2008).

Diante desta perspectiva de surgimento e estabelecimento da linguagem entre os humanos, torna-se premente considerar as implicações que discurso, contexto (ambiente social) e língua possuem entre si, agindo de maneira relacionada e concedendo uns aos outros sentido e coerência a partir do momento em que são considerados interdependentes como campo absoluto de observação do fenômeno.

1.4.3 Sobre o Funcionalismo

Para DeLancey (2008), o funcionalismo moderno é um retorno aos princípios desenvolvidos no final do século XIX, que pregavam que a estrutura linguística deveria ser explicada em termos imperativos funcionais, cognitivos e psicológicos. Ou seja, os mesmos princípios que norteiam as teorias mais atuais a respeito do desenvolvimento da linguagem nos humanos. Whitney (1897:1), um dos pensadores desta escola, coloca que a linguagem,

mais do que um instrumento para representar o pensamento e se fazer conhecer por outro homem, é a expressão a favor da comunicação.

Language, then, signifies rather certain instrumentalities whereby men consciously and with intention represent their thought, to the end, chiefly, of making it known to other men; it is expression for the sake of communication (WHITNEY, 1897:1) (apud DELANCEY, 2008).

DeLancey (2008) ainda acrescenta em seu curso de introdução ao funcionalismo que a linguagem humana não é simplesmente um instrumento para nomear ou apontar objetos e eventos no mundo. É um conjunto de ferramentas para comunicar nossa experiência íntima, e sua estrutura encontra-se informada na estrutura de nossa experiência e de nossos modelos culturais de experiência. Todas as línguas tendem a apresentar tratamento distinto para certos tipos de expressões da experiência individual interna; o sujeito experienciador é um predicado de emoção e cognição internas como, por exemplo, estados como ‘ter fome’ ou ‘ser bonito’ que são tratados de forma diferente dos predicados que descrevem eventos percebidos como vindos do mundo exterior, tais como ‘chover’.

Nos anos 1970, um grupo de cientistas se tornou o centro de propagação desta teoria, que varia em diferentes modelos, escolas, movimentos e metodologias distintas entre si, mas que possuía em comum a rejeição da noção do formalismo como explicação. Este grupo formado por, entre outros, T. Givón, S. Thompson, W. Chafe e P. Hoper tornou-se conhecido como o grupo dos linguistas funcionais-tipológicos. A diferença básica na formulação dos pressupostos funcionais-tipológicos é em que a explicação reside e o que conta como explicação. O funcionalismo encontra sua explicação na função e em processos diacrônicos recorrentes conduzidos funcionalmente. É a perspectiva de que a linguagem é um conjunto de ferramentas adaptado para suas funções e, portanto só explicável nos termos de sua função, por meio de generalizações estabelecidas com a observação dos dados. (DELANCEY, 2008).

DeLancey (2008) explica que não existe algo que seja ‘sintaxe funcionalista’, no sentido de que há a distinção de um componente sintático no Funcionalismo para que a sintaxe seja estudada; existe sim, uma estratégia teórico-explicativa. Pois, se existir uma gama fixa de funções universais e uma variedade fixa de possibilidades de modelos estruturais, então, a ideia de que a forma segue a função implica uma teoria em que há uma

estrutura correta para cada função pré-definida. Desta forma, as línguas seriam todas muito semelhantes. Por isso, não há função pré-definida, mas sim funções que são relevantes para todas as comunidades humanas e sua relevância universal é que faz delas universais linguísticos. Assim como não há estruturas pré-definidas, mas padrões recorrentes encontrados nas línguas do mundo, é sua recorrência que explica o modelo considerado como o mais apropriado para carregar aquela determinada tarefa.

1.4.4 Sobre a abordagem Tipológica

A Tipologia estabelece quais os dados requerem explicações funcionais, tendo em vista que os fatos arbitrários de uma língua específica podem ter várias explicações e considerando as peculiaridades irrecuperáveis do processo de desenvolvimento histórico a que as línguas estão submetidas. Mesmo assim, padrões estruturais e correlações estrutura-função que se repetem nas línguas do mundo devem ser motivados (DELANCEY, 2008).

Como esclarece DeLancey (2008), nos dados, certas estruturas tendem a ser usadas com determinada função e certas funções codificadas por determinadas estruturas. Inevitavelmente, isto demonstra que a sintaxe não é dissociada da função. A Tipologia mostra mais facilmente a relação fundamental entre estrutura e função no processo de gramaticalização.

Givón (1995) critica os estudos funcionalistas argumentando que estes conduzem a resultados enganosos ao tentar provar a relação fechada *função-forma*, e propõe o estabelecimento de tendências comuns, e não definições gerais e acabadas aplicáveis a todas as estruturas linguísticas. Assim, a tipologia gramatical se definiria como o estudo da diversidade das formas que podem realizar o mesmo tipo de função. Desta maneira, a mesma forma poderá mapear distintas funções, não o contrário. O processo cognitivo pode ocorrer da forma para a função, em direção inversa à proposta funcionalista clássica.

Assim, compreende-se que a língua é um sistema aprendido, um sistema de categorias aprendidas. DeLancey (2008) nos orienta a refletir a respeito da expectativa de que a estrutura das categorias do sistema siga princípios gerais da representação do conhecimento, se é que as categorias cognitivas se comportam desta forma.

Embora esta suposição seja muito controversa, é difícil esperar que o conhecimento linguístico opere em um módulo cognitivo diferente do modelo de representação das demais áreas da cognição (DELANCEY, 2008).

1.5 Metodologia

A metodologia adotada engloba princípios estruturados pelo pensamento de Franz Boas que concebia as culturas humanas como a relação entre suas línguas e culturas e propunha a comparação do material etnográfico em um processo indutivo que visasse descrever minuciosamente as relações complexas de cada cultura e possibilitasse base mais ampla e sólida para a comparação e explicitação das conexões históricas, atentando-se para as deficiências relativas à falta de precisão nas técnicas de observação e coleta de dados, principalmente no que diz respeito às línguas indígenas de tradição oral sem documentação histórica.

Boas condenava o entendimento da semelhança e das afinidades dos povos como prova de sua origem comum e argumentava que tais semelhanças seriam fruto do trabalho uniforme da mente humana (BOAS, 1896:1). Criticava as inferências sobre uma cultura construídas a partir de conceitos gramaticais, pois para ele a diferença entre as línguas reside no que deveria ou não ser expresso pelos falantes.

Goodenough (1971) criticou a separação entre linguagem e os demais fatos humanos, pois, segundo ele, o sistema semântico define como as formas não linguísticas se projetam em formas linguísticas. Definiu cultura como um conjunto de normas mediante as quais os personagens selecionam palavras e expressões concretas que possuem um significado denotativo (concreto) e outro conotativo (simbólico).

Para Goodenough, as regras das línguas se organizam em níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e simbólico, sendo que os linguistas privilegiam os três primeiros níveis por considerarem os dois últimos como esferas do comportamento humano não linguístico. Para ele, a língua é a tradução de uma cultura, ou seja, um conjunto de normas linguísticas organizadas para ordenar os comportamentos (GOODENOUGH; 1971:159).

Sua discussão ecoa como Saussure, que entende a linguagem como um sistema de duas partes indivisíveis - significado e significante -, sendo a relação entre estas arbitrária,

ou seja, culturalmente convencionada, pois pressupõe seleção e combinação entre dois eixos: paradigma e sintagma.

Tendo em vista a complexidade de inter-relações que o estudo linguístico suscita, adoto a proposta de investigação sugerida por Givón (1995): investigar as situações gramaticais, ou seja, o uso da gramática em seu ambiente natural. Na manifestação espontânea dos falantes para que se perceba a estrutura mental estabelecida através dos referentes nominais, das cláusulas tópicas e dos processos anafóricos que constroem a coerência textual.

2 Bases Teóricas

2.1 Categorias Universais

A cognição humana distingue entre a representação de um objeto e de um evento. Isto é amplamente respaldado por pesquisas desenvolvidas na área da psicologia que entende que o reconhecimento de objetos é uma das características fundamentais da percepção, antes mesmo do reconhecimento de algo derivado da experiência. Tal concepção se ampara no fato de que as pessoas veem os objetos e os interpretam de forma coerente na amplitude do campo perceptivo (DELANCEY, 2008).

Ainda em Delancey (2008), eventos são percebidos pelo sistema sensorio que demonstra sensibilidade à mudança, pois as mudanças carregam informações relevantes à sobrevivência biológica. A sensibilidade à mudança e a tendência de preservação que atribui às mudanças formas compreensíveis são características do sistema perceptivo também.

Estas dimensões da capacidade mental humana, percepção e cognição, abarcam as noções de tempo e estabilidade (GIVÓN, 2001), assim como as categorias conceituais de ‘coisa’ e ‘evento’. A diferença existente, então, entre substantivos (‘coisa’) e verbos (‘evento’) é produto de construções mentais baseadas na maneira como estes se apresentam no mundo físico e não resultado de qualidades inerentes às categorias sintáticas. Entretanto, o fenômeno psicológico que informa a estrutura linguística não motiva os fatos linguísticos. É o princípio da relação gramatical entre pensamento e língua. As categorias que possuímos para pensar o mundo físico são estendidas para o nível abstrato da representação. Esta afirmação sugere um modelo simples de estrutura sintática que consistiria de um número definido de categorias e regras para determinar sua ocorrência, ou seja, a estrutura gramatical das frases. (DELANCEY, 2008)

Como fruto de construções mentais, as categorias sintáticas poderiam ser tomadas como universais, mas é o processo mental subjacente que, de fato, é universal. Por isso, todas as línguas naturais dividem as palavras em classes, com maior ou menor grau de variação na intensidade de ‘coisificar’ as formas, determinada pela necessidade do falante

de organizar seu discurso. Isto faz das categorias ‘nome’ e ‘verbo’ as únicas universais. (DELANCEY, 2008)

Já os conceitos que expressam propriedades, lexicalizados como adjetivos em várias línguas, são intrinsecamente variáveis, podendo ser categorizados como nomes e até mesmo como verbos. São funções universais com realizações sintáticas não universais. (DELANCEY, 2008)

Em algumas línguas, como no caso do Apinaje, não há uma classe de adjetivos com características distintivas; às vezes, se comportam como verbos, por esta razão, são considerados como uma subcategoria dos verbos (OLIVEIRA, 2005). Em certos casos, não existe critério sintático algum que possa distinguir aspectos estativos de verbos que expressam qualidades de aspectos ativos de verbos que expressam ações. Esta diferença é claramente semântica. Verbos, de maneira ordinária, não nomeiam uma qualidade, mas sim uma atividade que pode exibir um número de diferentes qualidades. (DELANCEY, 2008)

If nominal predications crucially involve interconnections, what distinguished them from relational predications? The essential difference, I maintain, is that a relation predication puts the interconnections in profile (rather than simply presupposing them as part of the base). The distinction between a nominal and a relational predication does not necessarily imply any difference in the inventory or the organization of constituent events, but only in their relative prominence. (LANGACKER, 1987b: 215 apud DELANCEY, 2008)

2.2 Alinhamento

O alinhamento se refere às propriedades morfológicas (marcação de pessoa e concordância) que as línguas utilizam para indicar as relações gramaticais entre partículas pronominais e verbos na estrutura da frase, pois há hierarquia entre os argumentos. Cada argumento tem uma distinção sintática e outra semântica em relação à situação colocada pelo verbo. Ambas possuem correlação, mas nem sempre esta correlação é clara, tornando difícil a identificação do papel semântico por meio da relação sintática. (DELANCEY, 2008)

A abordagem funcionalista entende, como primeira hipótese, que esta ‘marcação’ se dá por necessidade funcional, ou seja, existe algo na cognição comunicativa que determina que o ‘sujeito’ de um verbo está mais caracterizado como ‘sujeito’ do que como ‘objeto’ e o resultado sintático desta determinação é a marcação de pessoa. (DELANCEY, 2008)

Porém, a determinação cognitiva não serve como explicação por si só. Existem algumas línguas que marcam alguns ‘sujeitos’ de verbos intransitivos como se fossem ‘objetos’ de verbos transitivos. A explicação mais aceitável para este tipo de marcação é a base semântica envolvida nos verbos, ou seja, o significado prototípico do verbo usado (DIXON, 1979).

Dixon (1979), em uma tentativa de esclarecer tais relações e tornar mais palatável aos falantes de língua inglesa tal fenômeno, elaborou um sistema de letras, comumente chamado de S, A e O, no qual:

- a) S = sujeito ou objeto de oração intransitiva;
- b) A = sujeito de oração transitiva;
- c) O = objeto de oração transitiva.

Esta forma de distribuição sugere que as línguas do mundo se dividem em dois grupos básicos:

- a) nominativo-acusativo;
- b) ergativo-absolutivo.

Tal premissa parte da observação de que todas as línguas fazem distinção entre frases que envolvem um verbo e um sintagma nominal nuclear e aqueles que envolvem um verbo e dois ou mais sintagmas nominais nucleares. Esquemáticamente, as relações sintáticas acima descritas se mostram assim:

Quadro 2: Alinhamento

nominativo-acusativo		ergativo-absolutivo	
Verbo intransitivo	NP(S) = sujeito intransitivo	Verbo intransitivo	NP(S) = sujeito intransitivo
Verbo transitivo	NP(O) = objeto transitivo	Verbo transitivo	NP(O) = sujeito transitivo
	NP(A) = sujeito transitivo		NP(A) = objeto transitivo

Fonte: MITHUN & CHAFE, 1999

O alinhamento então pode ocorrer somente entre S e A ou S e O. Desta forma, O e A distinguem-se por suas bases semânticas e S por ser o único argumento disponível para o

papel. Assim como apresentada, esta hipótese assume a universalidade das categorias de ‘sujeito’ e ‘objeto’, porém, recentemente, Dixon propôs que S, A e O sejam tomados como relações gramaticais básicas, o que nos incita a perceber que as línguas distinguem-se umas das outras em suas expressões formais e nos mecanismos usados para expressá-las. Cada língua marca um tipo de relação gramatical, ou várias relações, codificando relações diferentes em diferentes partes de suas gramáticas. Embora as línguas variem, os argumentos principais partilham propriedades de centralidade do discurso.

Para verbos que denotam eventos (ações), o participante privilegiado é o argumento principal, sendo o participante menos privilegiado o objeto. O mesmo se dá em verbos que denotam estados ou mudanças de estado.

Quadro 3: Propriedades do argumento principal

EVENTOS	
Referentes	Referentes
(participante privilegiado)	(participante menos privilegiado)
argumento principal	Objeto
ESTADOS	

Fonte: MITHUN & CHAFE, 1999.

A noção de argumento principal recebe a contribuição de Mithun e Chafe (1999) que avaliaram seu comportamento no que diz respeito a seu envolvimento como o referente mais importante no evento ou estado; seu desempenho como iniciador de eventos e/ou estados; seu papel semântico de agente da ação - instigam os eventos sobre os quais têm controle -; paciente de um estado ou de mudança de estado - sofrem os efeitos dos eventos ou sentem os efeitos dos estados em que se encontram - e como beneficiário. A este argumento, com relação às considerações levantadas, deram o nome de *starting point* (pontos iniciais). Apontaram também que existem associações entre estas relações, pois há a tendência de um *starting point* ser o agente de um verbo.

Esta relação entre verbo e argumento é a mais comum, portanto, facilmente determinada como puramente formal ou estrutural. Chafe (1999) usa a metáfora do *starting point* como meio de capturar a noção de que o ‘sujeito’ é a expressão gramaticalizada do

referente que um falante usa como ponto de partida para o que quer que seja expresso no resto da frase.

Esta é uma perspectiva intuitiva, porém, observando-se a fala espontânea é possível perceber que os *starting points* possuem propriedades tais como: permanecerem ativos na consciência do ouvinte e por isso são os melhores pontos de partida aos quais se adiciona algo novo; são identificáveis; estão ao menos acessíveis ou parcialmente ativos na consciência; quando são dados novos no discurso se mostram inativos na consciência do ouvinte.

Quadro 4: Propriedades dos elementos no discurso

REFERENTE	EVENTOS
<ul style="list-style-type: none"> • persistência na consciência ativa (pessoas, objetos, abstrações) • recorrentes durante o discurso • agregam coesão ao discurso 	<ul style="list-style-type: none"> • fugacidade na consciência ativa (nos quais os referentes participam) • fugazes como os próprios eventos
ESTADOS	
Transitórios (referentes)	Persistentes (eventos)

Fonte: MITHUN & CHAFE, 1999

2.2.1 Cisão

As marcas pessoais podem variar, representando a categorização dos referentes de acordo com seu papel semântico em eventos e estados. A forma com que estas marcas aparecem é, geralmente, como morfologia do verbo em afixos (prefixos ou sufixos) pronominais.

Se a categorização dos referentes se estabelece de acordo com seu papel semântico em relação ao verbo, poderíamos pensar então em um sistema com dois diferentes tipos de sujeito: sujeito agente e sujeito paciente. A forma esquemática abaixo esclarece as formas de relação.

V (intransitivo) → NP(S_a) = sujeito agente → verbos + evento
 ↘ NP(S_o) = sujeito paciente → verbos + estado

V (transitivo) → NP(A) = sujeito
 ↳ NP(O) = objeto

Para Mithun (1999), porém, a função da marcação de pessoa é mais do que somente a discriminação de argumentos. A hipótese de que S, A e O representam relações universais pressupõe que a distinção entre orações transitivas e intransitivas seja constante. Hopper e Thompson sugerem que a transitividade pode ser estabelecida por uma questão de grau e a linha que separa a transitividade da intransitividade pode variar de uma língua para outra (MITHUN 1999:586) ou mesmo em construções dentro da mesma língua, demonstrando que existem diferenças na transitividade entre uma língua e outra, revelando que o modelo de lexicalização reflete os conceitos e as escolhas do falante no decurso do desenvolvimento de sua língua.

2.3 Papel semântico do verbo

Givón (2001) estabelece que os papéis semânticos associados aos verbos definem os tipos semânticos dos verbos que, por sua vez, definem os tipos de frases. Desta forma, as orações simples servem de referência para a descrição gramatical da qual outros tipos de frase são variação. Nas orações simples, existe isomorfia entre papéis, o que significa que o papel semântico de agente equivale ao papel sintático de 'sujeito'. Para promover melhor entendimento sobre os papéis semânticos e as relações gramaticais, Givón (2001) sugere o seguinte mapeamento.

Quadro 5: Mapeamento dos papéis semânticos e das relações gramaticais

Papel semântico	Relação gramatical
Agente	Sujeito
Paciente	sujeito objeto direto
Dativo	sujeito objeto direto

	objeto indireto
Demais papéis semânticos	objeto indireto

Fonte: GIVÓN, 2001

Porém, há limites para esta definição que o autor aponta como sendo o fato de:

- a) as definições pertencerem aos tipos de participante principal, porém cada tipo pode ter infinitos subtipos;
- b) a distinção entre um tipo principal e um subtipo não ser feita por princípios, mas por julgamento pragmático⁸;
- c) que para cada papel semântico, define-se um protótipo, muitos membros de uma mesma classe cabem na definição, porém membros menos prototípicos também fazem parte dela.

Os verbos também podem ser classificados de acordo com as propriedades do evento, estado ou fenômeno que expressam. Givón (2001) propõe uma classificação para as propriedades dos verbos que os divide em: transitivos (subdividos em verbos: com sujeito ‘falso’, de cópula, adjetivos, possessivos, transitivos com objetos diretos não especificados), intransitivos, bitransitivos (com três participantes obrigatórios, sendo um sujeito e dois objetos), verbos com três objetos (verbos que codificam trocas ou transações), verbos oracionais (subdividos em: modais; manipulação; percepção, cognição ou enunciação;) e verbos com sujeitos oracionais; permitindo um sistema de classificação dos tipos de verbos de acordo com as relações gramaticais que estes estabelecem com seus argumentos.

Para o presente trabalho, interessam as propriedades intransitivas, portanto, trataremos mais extensamente sobre este tópico e deixaremos os demais resumidamente citados.

Prototipicamente, orações que possuem um ‘objeto direto’ são consideradas sintaticamente transitivas, as demais são intransitivas. O protótipo semântico do evento transitivo engloba as noções de agentividade (agente deliberado para o evento), afetatividade (paciente afetado pelo evento) e perfectividade (evento que ocorre em tempo

² “The clausal subject is the grammaticalized primary topic of the discourse at the time when the clause is being processed, and the object direct is the grammaticalized secondary topic.” (Givón 2001: 196)

real). Os verbos menos prototípicos podem apresentar variações quanto ao ‘sujeito’, que podem se apresentar como (GIVÓN, 2001):

- a) dativo (no caso de experienciador);
- b) paciente (quando não humanos ou não animados);

ou então variam quanto ao objeto, podendo ser:

- a) dativo (quando pronominal);
- b) objetivos ou locativos;
- c) associado (eventos recíprocos ou coagentivos);
- d) cognatos (formas nominalizadas do verbo);
- e) paciente incorporado (no sentido semântico do verbo).

A intransitividade se refere a verbos que codificam estados, eventos ou ações. Givón (2001) considera intransitivos, também, verbos intransitivos que possuem objeto indireto, e que, de acordo com sua categorização, podem assumir formas como: locativo (mobilidade espacial ou localização espacial); dativo ou paciente (para atividades mentais); e associativo (eventos recíprocos ou coagentivos).

Esta forma de marcação de pessoa é o maior desafio para a noção estabelecida por Dixon de A, S e O como categorias universais. A marcação de S (único argumento de verbos intransitivos) não se comporta como uma categoria única de características únicas, pois, em alguns casos, o argumento intransitivo é tratado como sujeito agente, em outros, como sujeito paciente.

A abordagem sintática, geralmente utilizada para categorizar estes sistemas, representa os argumentos como pertencentes a classes de verbos que se diferenciam em ‘inergativos’ ou ‘intransitivo’ (S_a) e ‘inacusativos’ ou ‘ergativos’⁹ (S_o). Outra opção seria a abordagem semântica que tem, nas suposições de Van Valin (1990: 221), anteriormente já discutidas por Perlmutter (1978 apud VAN VALIN 1990: 223), que parâmetros semânticos governariam a intransitividade cindida. Os aspectos lexicais (Aktionsart) e a agentividade são considerados os principais, mas as línguas variam a respeito do parâmetro que governa a intransitividade cindida, inclusive o traço distintivo aspectual ou agente envolvido pode variar, não podendo então ser consistentemente caracterizada como universal.

⁹ O termo ergativo é inadequado, pois o padrão em questão é aquele codificado pelo caso absoluto em línguas morfologicamente ergativas.

Mithun (1991) apresenta uma análise de alguns sistemas de marcação de pessoa que refletem um tipo coerente de organização de marcas motivadas semântica e gramaticalmente. As motivações que conduzem às mudanças podem ser perdidas caso sejam observadas somente as correspondências entre significado e forma, visto que o sistema de marcação de pessoa pode ser resultado sucessivo do processo de desenvolvimento da língua ao longo do tempo, de uma forma ou de outra, motivado individualmente, e interagindo internamente e de forma sincrônica na língua para determinar as marcas pessoais.

As categorias de eventividade e agentividade coincidem amplamente, muitos eventos, tais como ‘correr’ são, de fato, desempenhados, instigados e efetivados (PIE)¹⁰ por seus participantes principais. (MITHUN, 1991:516)

Quadro 6: Critério: [+evento; +controle]

Critérios		Verbos	Caso
Evento	+	Correr	Agente gramatical
Controle	+		
PIE	+		

Fonte: MITHUN, 1991. p. 510–546

Em ‘correr’, é visível a atuação do agente ao controlar e provocar o evento, portanto, Mithun considera este um agente gramatical.

Quadro 7: Critério: [+ evento; - controle]

Critérios		Verbos	Caso
Evento	+	Soluçar	Agente gramatical
Controle	-		Exc.: paciente gramatical
PIE	+		

Fonte: MITHUN, 1991. p. 510–546

Em contraste com o evento mais controlado exemplificado em ‘correr’, ‘soluçar’ é um evento visível, desempenhado por um sujeito, porém carece de controle, pois é um ato

¹⁰ PIE = performance, instigação e efetivação.

involuntário, que independe da vontade do ator. Embora ausente de controle, esta seria uma ação tipicamente agentiva, apresentando exceções com atores caracterizados como pacientes. O paciente prototípico se caracteriza como o participante que não desempenha, instiga nem efetua qualquer situação, mas ao contrário, é afetado de alguma forma. (MITHUN, 1991:518)

Quadro 8: Critério: [- controle; - PIE]

Critérios		Verbos	Caso
Evento	+	Cair	Paciente gramatical
Controle	-		Exc.: agente gramatical
PIE	-		

Fonte: MITHUN, 1991. p. 510–546

Aqui o contraste incide sobre a atuação, ou seja, não há desempenho do ator, o ator sofre a ação e, portanto, é usualmente caracterizado como paciente, apresentando exceções com atores caracterizados como agentes. (MITHUN, 1991:518)

Quadro 9: Critério: [- evento; + controle]

Critérios		Verbos	Caso
Evento	-	Ser prudente	Agente gramatical
Controle	+		Exc.: paciente gramatical
PIE	+		

Fonte: MITHUN, 1991. p. 510–546

Nos quadros anteriores, foram apontados os critérios de contraste entre verbos mais eventivos, aqui, o contraste passa a ser percebido entre os menos eventivos. Neste quadro, o controle e a atuação são os traços que desempenham papel na categorização e apesar de não provocar efeitos visíveis, este ator é considerado agente, com algumas exceções que o caracterizam como paciente. (MITHUN, 1991:518)

Quadro 10: Critério: [- controle; - afetado]

Critérios		Verbos	Caso
Evento	-	Ser alto	Paciente gramatical
Controle	-		Exc.: agente gramatical

PIE	-		
Afetado	-		

Fonte: MITHUN, 1991. p. 510–546

Nos quadros anteriores, os critérios semânticos usados como distinção para a categorização foram evento, PIE e controle, nestes dois últimos quadros o critério diferencial é o afetado. O ator é ou não afetado pelo verbo, ambos os atores não controlam, nem desempenham, nem produzem efeitos visíveis apenas sofrem maior ou menor afetatividade. No quadro acima, o ator não é afetado pelo verbo, pois ‘ser alto’ é uma característica inerente e atemporal do sujeito. (MITHUN, 1991:518)

Quadro 11: Critério: [- controle; + afetado]

Critérios		Verbos	Caso
Evento	-	Estar doente	Paciente gramatical
Controle	-		
PIE	-		
Afetado	+		

Fonte: MITHUN, 1991. p. 510–546

No quadro acima, a característica temporal transitória de ‘estar doente’ determina que o sujeito é afetado pelo verbo, sendo categorizado então como paciente. O vir a ser de um estado é visto como afetando o participante muito mais do que simplesmente o ser de um estado. (MITHUN, 1991:520) Segundo Mithun, nesta ocorrência só há esta opção de marcação de pessoa para os critérios semânticos elencados neste quadro.

Como exemplo de marcação de pessoa que varia de acordo com o aspecto lexical, Mithun (1991) aponta o Guaraní que marca o ‘sujeito’ de verbos intransitivos ora como ‘sujeito’ de transitivas, ora como ‘objeto’ de transitivas. Os verbos que recebem marcas como ‘sujeito’ de transitivas são aqueles que envolvem agentes semânticos, como, por exemplo, ‘dançar’, ‘ir’ e ‘correr’, embora a agentividade não possa ser considerada como o traço determinante desta classe. Os verbos intransitivos que aparecem com a segunda forma pronominal incluem verbos como ‘estar doente’, ‘estar fraco’, ‘ser inteligente’.

O traço relevante aqui é o aspecto lexical, no primeiro caso denotam eventos, atividades, ações, de certa forma implicam dinamicidade e mudança ao longo do tempo. Os

verbos do segundo tipo implicam estabilidade no tempo, porém, no mundo real a distinção entre os dois tipos de evento não é tão clara e várias situações poderiam ser definidas como ambas.

Em Guaraní (MITHUN 1991:513), os falantes possuem escolhas, alguns poucos verbos intransitivos podem aparecer em ambos os casos. A diferença de significado existente em cada manifestação do verbo confirma a base semântica da distinção de pessoa, é possível que exista uma seleção lexicalizada de marcação de pessoa.

A distinção de pessoa nas orações intransitivas da língua Lakhota (MITHUN 1991:515) se dá por outro critério: a agentividade. Como em Guaraní, os nomes não são marcados, mas os prefixos pronominais acoplados aos verbos selecionam duas marcas. A distinção entre eventos e estados é falha para caracterizar várias formas, neste caso, a agentividade é mais efetiva.

Agentividade é uma noção semântica complexa. O que a caracteriza é o ‘ator’ como o participante que atua, efetua, instiga ou controla a situação denotada pelo predicado, que são traços partilhados por agentes prototípicos. Os mesmos traços são característicos do paciente, mas ao inverso, é aquele que não atua, efetua, instiga ou controla a situação, mas é afetado por ela. Assim, as categorias de eventividade e agentividade coincidem, porém, nem sempre, eventos como ‘cair’ e ‘morrer’ são efetuados, instigados nem controlados por seus participantes, e estados como ‘residir em algum lugar’ ou ‘ser prudente’, por sua vez, embora estados, são controlados pelos participantes. Dessa forma, a agentividade toma importância maior que a eventividade.

Porém, os traços que determinam a agentividade, atuação, efetuação, instigação e controle não coincidem sempre, em Lakhota, controle é um traço menos relevante que atuação, instigação e efetuação. Entretanto, a distinção entre atores e não atores não é óbvia, o uso do caso agentivo em verbos estativos é uma escolha marcada; somente os participantes semanticamente agentivos são usados como agentes gramaticais (‘soluçar’, ‘espirrar’, ‘vomitar’). Ações nas quais os participantes não possuem controle, nem atuam, instigam ou efetuam, tais como ‘cair’, ‘morrer’ ou ‘tossir’, são marcados como pacientes gramaticais. Tanto quanto outras línguas no mundo, o sistema de caso em Lakhota é fruto do processo histórico vivido pela língua. A combinação semântica do verbo e do prefixo pronominal está lexicalizada, armazenada, apreendida e selecionada como uma unidade.

Outra língua que possui um sistema de marcação de pessoa não baseado na distinção aspectual é o Pomo Central. Esta reflete a agentividade semântica. Diferentemente do Lakhota, o que está em jogo nesta língua é o controle, participantes que atuam, instigam e efetuam ações nas quais não possuem controle, tais como ‘espírrar’, ou ‘tossir’ são marcados como pacientes gramaticais. O mesmo se pode dizer a respeito da volição, visto que controle e volição coocorrem nesta língua.

A afetatividade é outro critério que entra no jogo da avaliação do Pomo Central, nem todos os participantes que não possuem controle sobre as ações são considerados como pacientes gramaticais. É necessário que o participante não tenha controle e que seja afetado de alguma forma para ser classificado como um paciente prototípico. Ainda assim, existe uma distinção entre estados atemporais, como características inerentes, e estados temporários. Os estados atemporais têm seus participantes marcados como agentes gramaticais. Os participantes afetados são marcados como pacientes gramaticais somente quando o falante escolhe expressar empatia com o afetado. Somente participantes com características humanas pode receber pronomes com marcas de paciente, animais de estimação e animais lendários são humanizados em Pomo Central. Outra restrição para o uso da marca de paciente é a pessoa, os falantes não se rogam ao direito de sentir por outros, sendo assim, a marca é usada apenas na primeira pessoa. Assim também é o uso da marca de paciente quando o evento que ocorre está distante, como, por exemplo, o falante vê uma criança que cai ao longe ou quando se reportam a um fato, narrando somente o fato e não envolvendo o afetado, os falantes optam por não usar a marcação de paciente.

A marcação de pessoa em Pomo Central é baseada na interação de duas distinções semânticas: controle e afetatividade significativa. O paciente gramatical é mais específico ou semanticamente mais marcado que o agente gramatical.

Em resumo, Mithun (1991: 512) sugeriu que vários traços semânticos podem interagir em uma mesma língua para determinar a marcação de pessoa. A autora, em seu estudo sobre a marcação de pessoa em Lakhota, Guaraní e Pomo Central, identificou diferentes bases semânticas e apontou os traços que caracterizam os verbos intransitivos e revelam suas diferenças, pois em cada uma das línguas há um traço distintivo crítico.

Em Guaraní, o aspecto lexical (especialmente a eventividade); em Lakhota, desempenho, instigação e efetuação (PIE); em Pomo Central, a interação entre controle e

afetividade mais significativa. Tendo como exemplo a marcação de pessoa em Pomo Central que apresenta múltiplas distinções, Mithun (1991) nos questiona a respeito de quando estas distinções foram incorporadas e mudaram o sistema da língua, pois ela considera relevante a estabilidade diacrônica para julgar os fenômenos.

2.4 Verbos intransitivos e verbos descritivos em Apinaje

No Apinaje (OLIVEIRA, 2005), existem duas classes de verbos intransitivos que codificam diferentemente o sujeito: os intransitivos (propriamente ditos) e os descritivos (os quais expressam significados adjetivais). Os intransitivos apresentam duas formas verbais (finita e não finita), enquanto os descritivos apresentam uma única forma, invariável.

Quanto à marcação de pessoa, os intransitivos apresentam pronomes da Série I, na forma finita, pronomes da Série I e prefixos da Série II na forma não finita (as quais ocorrem, em sua maioria, em contextos de subordinação). Nos descritivos, a categoria de pessoa é codificada como nos intransitivos na forma não finita, com o uso de pronomes da Série I e prefixos da Série II em concordância.

Quadro 12: Pronomes da Série I e prefixos da Série II

Descritivos			Intransitivos			
S _o			As			
Finita			Finita		Não finita	
Prefixos Série II	Pronomes Série I		Pronomes Série I		Prefixos Série II	Pronomes Série I
			Enfáticas	Não-enfáticas		
1	i (C)-	Pa	pam	Pa	i (C)-	pa
2	a-	Ka	kam	Ka	a-	ka
3	∅	əm/∅	am	əm/∅	∅	əm/∅

Fonte: OLIVEIRA, 2003

Seguindo os exemplos apontados por Oliveira (2005) as relações estabelecidas nas frases se tornam mais claras:

(1)

	S _a		V	
na	ka	ra	gõr	
	2	já	dormir	

‘Você ainda está dormindo’.

(2)

	S		[s-v] _o	V	
na	pa	ra	i-j -apkur	pa	
	1	já	1-PR-comer	acabar	

‘Eu já acabei de comer’.

(3)

	S		S _o -V	
na	pa	it -kengra		
	1	1-cansar		

‘Eu estou cansada’.

Sendo (1) intransitivo na forma finita, (2) intransitivo na forma não finita, e (3) descritivo percebe-se que tanto (2) quanto (3) realizam a mesma marcação de pessoa.

From the evidence above, it seems plausible to analyze Descriptives as a subclass of Verbs in Apinajé. If this analysis is correct, then Apinajé displays a split intransitivity system whereby members of the Descriptive class encode stative notions and display an SO pattern of agreement (expressed by person marking on the verb in agreement with S, co-occurring with the second-position independent pronoun), while other intransitive verbs encode events and actions, and display an SA pattern (expressed by absence of person marking on the verb, with S being indicated exclusively by the second position independent pronoun). (OLIVEIRA: 272, 2003)

Oliveira (2003) considera que a noção estativo/ativo está em jogo nas relações de marcas de pessoa que determinam a intransitividade cindida no Apinaje. Os verbos da primeira classe, ou ativos, denotam eventos, atividades, execução de tarefas e implicam certa dinamicidade e mudança ao longo do tempo. Os verbos da segunda classe, ou estativos, denotam estados e implicam estabilidade ao longo do tempo.

Outra possibilidade seria a existência de parâmetros, tendo como pressupostos teóricos que orientam a análise a perspectiva tipológica como apresentada em Mithun (1999), que interfeririam no controle da intransitividade cindida, respeitando as variações que cada língua apresenta de acordo com suas regras de controle da cisão.

É possível que a marcação pronominal em Apinaje seja determinada por uma combinação de regras. Elaboraremos análise mais detalhada no capítulo seguinte.

3 Análise dos dados

A análise dos dados procede de acordo com a orientação funcional-tipológica, principalmente, a partir da tipologia proposta por Mithun (1991). Considerando a perspectiva de análise em termos prototípicos, a maior quantidade de verbos corresponde ao contraste semântico ativo/estativo, contraste estabelecido entre eventos (dinamicidade ou mudança no tempo) e estados (estabilidade temporal).

Embora esta classificação corrobore a análise de Oliveira 2003, os resultados apresentados a seguir mostram o quanto este tipo de marcação de pessoa apresenta-se menos arbitrário do que algumas vezes é assumido. Esta motivação só pode ser compreendida a partir de traços criteriais, e não somente nas correspondências de um-para-um entre forma e função.

Assim, as exceções precisam ser listadas e compreendidas, para que se verifique a existência de um padrão alternativo dentro do padrão prototípico. Segundo Mithun (1991: 512), vários traços semânticos podem interagir em uma mesma língua para determinar a marcação de pessoa. A autora, em seu estudo sobre a marcação de pessoa em Lakhota, Guarani e Pomo Central, identificou diferentes bases semânticas para esta marcação em cada uma das línguas. Em Guarani, o aspecto lexical (eventividade); em Lakhota, desempenho, instigação e efetuação (PIE); em Pomo Central, a interação do controle com o afetado mais significativo.

O objetivo de tratar as exceções é levantar a possibilidade de existir mais de um traço distintivo entre os verbos no Apinaje. Abaixo, os verbos intransitivos codificam ações, como em (4):

itkõ ‘beber’. (4)
čõ na ka ra itkõ
‘Você já bebeu?’ (O 2003:382),

Os verbos descritivos codificam estados, como em (5); mas apresentam exceções que, aparentemente, expressam volição como em (6):

uduj ‘estar doente’ (5)

Na *pa ic-p-uduj tæ̃ nẽ̃*.

‘Eu estou doente’ (O 2003:246),

prõt ‘correr’ (6)

Na *pa icprõt*.

‘Eu estou correndo.’ (O 2005:406).

3.1 Avaliação de critérios semânticos no Apinaje

O Apinaje apresenta uma distinção entre os verbos intransitivos em duas subclasses: uma ‘ativa’, dos intransitivos propriamente ditos, com um argumento interno e não marcado, expresso por nomes ou pronomes independentes da Série I, sem marcação de pessoa no verbo. Outra ‘estativa’, dos descritivos, com marcação de pronomes da Série II no verbo, acompanhado por pronome independente. (OLIVEIRA, 2003)

Como consta no quadro presente no capítulo anterior, a Série I codifica o argumento nominativo (A=S_A), enquanto a Série II codifica o absolutivo (O=S_O), conforme ilustram os exemplos a seguir:

	A		O		
<i>pa</i>	<i>na</i>	<i>pa</i>	<i>a-j-ok</i>		(7)
1	RLS	1	2-PR-	pintar.corpo	
				‘eu pinteí você’ (O 2005:174),	

S_A					(8)
<i>pa</i>	<i>ra</i>	<i>ma</i>	<i>tẽ̃</i>	□	
1	ASP	MOV	ir		

‘eu estou saindo’ (O 2005:265),

na pa S_o it-kengra (9)

RLS 1 1-estar.cansado

‘eu estou cansado’ (O 2005:246).

Nos exemplos acima, A aparece como um argumento externo, não marcado, expresso por um pronome independente da Série I, enquanto O ocorre como um pronome dependente da Série II prefixado ao verbo na sua forma finita. Os exemplos demonstram S_A alinhado com A, e S_O alinhado com O.

Neste padrão de marcação de pessoa, os pronomes da Série I representam os agentes transitivos e argumentos dos intransitivos, enquanto os pronomes da Série II representam os pacientes transitivos e os argumentos dos descritivos.

3.1.1 Traços criteriais [+evento; +PIE; +controle]

Ao verificarmos os dados, percebemos que este não é um padrão único na marcação de pessoa do Apinaje. Ocorre, em verbos intransitivos, de características ativas (as quais coincidem com as características agentivas), marcação de pessoa estativa, porém em número inferior aos verbos que apresentam marcação de pessoa ativa.

Os verbos desta categoria [+evento; +PIE; +controle] são aqueles que apresentam marcação de pessoa ativa, configurando-se como intransitivos, como nos exemplos que seguem:

itkō ‘beber’ (10)

Série I

čona ka ra itkō?

‘Você já bebeu?’ (O 2005:382),

Há também os casos de verbos que recebem a marcação de pessoa estativa, como no exemplo que segue:

prõt ‘correr’ (11)

Série II

Na pa icprõt.

‘Eu estou correndo.’(O 2005:406).

No item abaixo trataremos esta questão mais aprofundadamente. Para tal tratamento, separamos em quadros, seguindo as categorias elaboradas por Mithun, conforme apresentadas acima e adotando os verbos sugeridos pela própria Mithun como parâmetros de seleção.

É usual que, em alguns verbos, particularmente aqueles que denotam eventos perceptíveis, o aspecto estativo seja interpretado como o aspecto perfeito (MITHUN, 1991:533). A comparação demonstrada nos contrastes que envolvem verbos eventivos com verbos de estado resultativo é apresentada de forma mais clara nas tabelas que seguem.

3.1.1.1 Comparações entre verbos [+evento; +PIE; +controle]

Quadro 13: Comparação entre agje e Δr

Critérios		Verbo	Categoria	Exemplo
Evento	+	agje ‘enter’	Série I	<i>Na pa mε agje.</i> ‘Nós todos entramos.’ (O 2005:371)
PIE	+			
Controle	+			

Critérios		Verbo	Categoria	Exemplo
Evento	+	Δr ‘enter’	Série II	<i>Na pa ra ičΔrΔ.</i> ‘Eu entrei.’ (O 2005:381)
PIE	+			
Controle	+			

Nos exemplos acima, *agje* ‘entrar’ com marcação ativa sugere a classificação deste verbo como um evento, enquanto *ar* ‘entrar’ com marcação estativa, como um estado resultativo (‘estar entrado’; ‘estar dentro’). Embora *agje* ‘entrar’ possua uma contraparte também intransitiva *ačǎ* ‘entrar’, distinguindo-se por número – singular ou plural –, achei interessante comparar este outro par.

Oliveira (2005) considera a partícula ‘a-’ em *agje* como partícula intransitivizadora de verbos transitivos. Ainda para Oliveira (2005), o Apinaje apresenta pares de verbos complementares quanto a categoria de número, entre outras propriedades.

No primeiro caso denota evento, atividade, ação, de certa forma implica dinamicidade e mudança ao longo do tempo. O verbo do segundo tipo implica estabilidade no tempo, porém, no mundo real a distinção entre os dois tipos de evento não são tão claras e várias situações poderiam ser definidas como ambas.

É possível que os falantes possuam escolhas, e a diferença de significado existente em cada manifestação do verbo confirma a base semântica da distinção de pessoa, assim é possível que exista uma seleção lexicalizada de marcação de pessoa. (Oliveira 2005)

Quadro 14: Comparação entre ča e kuʔe

Critérios		Verbo	Categoria	Exemplo
Evento	+	ča ‘ficar em posição vertical (para um ou um par de pessoas ou objetos)’ sing.	Série I	<i>Pa na pa ča.</i> ‘Eu estou (aqui).’ (O 2005:374)
PIE	+			
Controle	+			

Critérios		Verbo	Categoria	Exemplo
Evento	+	kuʔe ‘ficar em posição vertical’ pl.	Série II	<i>Pa na pa me ickuʔe.</i> ‘Eu estou de pé.’ (O 2005:394)
PIE	+			
Controle	+			

Também nestes verbos, *ča* ‘ficar em posição vertical’, marcado com pronomes da Série I (marcação ativa), parece se tratar de um verbo eventivo, enquanto *kuʔe* ‘ficar

em posição vertical’, marcado com pronomes da Série II (marcação estativa), parece indicar a posição, ou o estado ‘estar em pé’.

Oliveira (2005) descreve a partícula *ku-* como indicativa de ações que afetam a superfície sobre a qual ocorrem. O grupo de verbos desta classe morfossemântica no qual a partícula ocorre é geralmente transitivo, apresentando exceções entre as quais encontra-se *kuʔe*.

Oliveira (2005: 129) arrola verbos posicionais ou de movimento que apresentam, aos pares, tal contraste: evento *versus* estado resultativo, sendo sempre pares oriundos de categorias distintas – descritivo ou intransitivo – e distinguindo-se por número – singular ou plural. O exemplo tratado no Quadro 14 demonstra bem esta relação.

3.1.2 Traços criteriais [+evento; +PIE; -controle]

Ao verificarmos os dados, percebemos que a maioria dos verbos desta categoria possui características eventivas, com marcação de pessoa que faz uso de pronomes da Série I, porém apresenta verbos eventivos com marcação de pessoa com pronomes da Série II. Podemos verificar, nos exemplos abaixo, ocorrem marcação com pronomes da Série I e da Série II.

ʃop ʃop ‘coçar’ (12)

Na pa iŋʃopʃop.

‘Eu estou coçando.’ (O 2005:383),

tɛtɛt ‘tremar; bater’ (13)

əbri pa ɔbu ɲ ictɛtɛt rač nɛ.

‘Então eu vi (a coisa) e tremi muito.’ (O 2005:406).

piagri ‘dar a luz; parir’ (14)

Na pa icpiagri.

‘Eu estou parindo.’ (O 2005:404).

Seguindo os traços propostos por Mithun (1991), poderíamos considerar que a afetatividade seria um traço determinante nesta categoria de verbos, na qual, a incidência de maior ou menor afetatividade determina a marcação de pessoa.

3.1.3 Traços criteriais [+evento; -PIE; -controle]

Nos exemplos que seguem a marcação de pessoa se realiza com os pronomes da Série I:

tĩ ‘morrer’(pessoa; ou fogo) (15)

Na prɛ icpe tĩ.

‘Ele morreu (para meu desgosto).’ (O 2005:409),

gõr ‘dormir’, (16)

Na pa ra gõr.

‘Eu já dormi.’ (O 2005:378).

Embora não haja nos verbetes exemplos para melhor avaliar os verbos, encontramos uma variação na marcação de pessoa: ativa (Série I) *versus* estativa (Série II):

pok ‘pegar fogo; acender’(O 2005:405) (17)

Série I,

Bə ‘pegar fogo’(O 2005:372) (18)

Série II.

Se considerarmos que os verbos [+evento] listados acima possuem ambas as marcações de pessoa e que postulamos a possibilidade de se tratarem de verbos com marcações distintas para provocar diferença entre o ‘estado’ e o ‘evento’ denotado pelo verbo, assumimos, aqui, também a possibilidade de se tratar de caso semelhante, contudo, com necessidades de comprovação em campo.

3.1.4 Traços criteriais [- evento; + PIE; + controle]

A partir desta categoria, os verbos não são mais eventivos e sim, denotam estados, portanto, a marcação de pessoa esperada é aquela feita com o uso dos pronomes da Série II. Todos os verbos da categoria [- evento; + PIE; + controle] apresentam marcação de pessoa com a Série II, como nos exemplos que seguem.

uprǎrǎ ‘ser teimoso’ (19)

Na pa ičuprǎrǎ.

‘Eu sou teimoso.’ (O 2005:414),

ǎpre ‘ser agressivo’ (20)

Něp na tǎ ǎkure ǎkrĩ.

‘Aquele é agressivo’

Pa na ičǎpre.

‘Eu sou agressivo’. (O 2005:419).

Nesta categoria, o controle é o traço determinante que os distinguem dos estados listados nos itens que seguem.

3.1.5 Traços criteriais [- evento; - PIE; - controle; ±afetado]

No conjunto de critérios semânticos que seguem, um novo fator é introduzido: o afetado. Esse critério mostrou uma marcação de pessoa dos verbos [-evento; - PIE; - controle; ±afetado] utilizando a Série II em todas as ocorrências. Os verbos desta categoria apresentam marcação de pessoa estativa, como nos exemplos que seguem.

3.1.5.1 [-evento; - PIE; - controle; + afetado]

dǎw ‘ ser jovem’ (21)

Na pa ijdǎw ně.

‘Eu sou jovem.’

Na pa kət̪m̩ ð̩ i jd̪w̩ʼ.

‘Eu ainda sou jovem.’ (O 2005:376),

3.1.5.2 [-evento; -PIE; - controle; - afetado]

ə ‘estar doente’

(22)

Bija na ə.

‘Este homem está doente.’ (O 2005:385).

3.2 Conclusões

Percebemos que todos os verbos categorizados pelo critério [+ evento] possuem duas formas de marcação de pessoa, sendo ora marcada com pronomes da Série I, ora com pronomes da Série II, ou seja, o falante seleciona o argumento mais relevante no contexto de construção de sua frase. Como demonstrado no quadro abaixo:

Quadro15: Resultados da marcação de pessoa

Crítérios avaliados	Marcação de pessoa para o sistema ativo/estativo proposta por Mithun	Marcação de pessoa no Apinaje
+evento;+PEI;+controle	Série I	Série I e Série II
+evento;+PEI;-controle	Série I	Série I e Série II
+evento;-PEI;-controle	Série I	Série I e Série II
-evento;+PEI;+controle	Série II	Série II
-evento;-PEI;-controle;-afetado	Série II	Série II
-evento;-PEI;-controle;+afetado	Série II	Série II

Fonte: TOSSIN, 2009

O traço [+ evento] é, consideravelmente, importante para a determinação da marcação de pessoa, porém sofre influência de outro traço: a afetatividade. Quando o

falante pretende enfatizar o evento marca o argumento externo como ‘sujeito’, quando pretende enfatizar o resultado do evento, marca o argumento interno como ‘sujeito’.

Consideraremos então que de uma combinação entre os traços [\pm controle] e [\pm afetado] em verbos [+ evento] provém a distinção entre marcas pessoais no Apinaje. Esta hipótese, entretanto, seria melhor avaliada se levada a campo para comprovação, visto que esta dissertação não foi escrita com base em trabalho de campo, mas sim em pesquisa bibliográfica.

4 Considerações Finais

4.1 Hipóteses de pesquisas e objetivos propostos

Neste trabalho, apresentamos a marcação de pessoa utilizada nos verbos intransitivos e descritivos em Apinaje com o intuito de discutir e aprofundar o estudo a respeito da intransitividade cindida nesta língua, e de identificar o contraste semântico subjacente às diferentes formas de marcação de pessoa.

Em trabalho anterior, Oliveira (2005) considerou a noção estativo/ativo como determinante das relações de marcas de pessoa na intransitividade cindida no Apinaje. Como forma de ampliar a discussão, propomos que há a possibilidade de a marcação pronominal em Apinaje ser determinada por uma combinação de regras, possivelmente apresentando interferências semânticas.

A observação da diversidade de traços que podem estar subjacentes aos sistemas e os processos dinâmicos envolvidos podem explicar o porquê de estes sistemas possuírem a forma que têm.

4.2 Resultados apontados na pesquisa

O sistema Apinaje baseia-se principalmente na distinção lexical, identificado como ativo/estativo (corroborando a análise de Oliveira 2003, 2005). Tomando-se em conta as marcações de pessoa apresentadas nas subdivisões por critério semântico como propõe Mithun (1991:524), e comparando-as com as encontradas no Apinaje, podemos dizer que, na maioria das vezes, utiliza-se o sistema de marcação de pessoa ativo/estativo.

A identificação destas oscilações no uso da marcação de pessoa só foi possível porque a metodologia de Mithun utiliza justamente traços criteriais, em vez de correspondências um-para-um entre forma e função.

Embora seja possível ter havido enganos na classificação dos dados, as exceções presentes conduzem à maior reflexão a respeito das motivações para a marcação de pessoa em Apinaje.

O aparecimento de tais oscilações pode ser compreendido como motivação cultural para a escolha dos falantes ao elegerem o argumento externo ou interno ao verbo como mais relevante em uma determinada construção de frase. Porém, as implicações hermenêuticas pertinentes à pesquisa científica apontam para questões epistemológicas também presentes nos estudos linguísticos.

A dicotomia sujeito-objeto presente na ciência moderna aprofunda a distinção entre humano e não humano, consagrando o homem como condição para o conhecimento. Entretanto, as condições para o conhecimento são arbitrárias, selecionadas entre aquelas que promovam a eficiência das rotinas metodológicas escolhidas para a investigação, tornando o objeto fruto das condições escolhidas ou, ao inverso, resultado de um conjunto de condições não selecionadas, gerando um equilíbrio delicado entre o objeto do conhecimento e o conhecimento que pode ser obtido sobre ele. (SANTOS, 2001: 82)

Esta desumanização do objecto foi crucial para consolidar uma concepção do conhecimento instrumental e regulatória, cuja forma do saber era a conquista do caos pela ordem. Do ponto de vista do conhecimento emancipatório, a distinção entre sujeito e objecto é um ponto de partida e nunca um ponto de chegada. (SANTOS, 2001: 83)

Assim, entendemos que a explicação científica é a justificativa de sua própria existência como método conhecedor do mundo, porém, a previsão e o controle de fenômenos não são a única forma de interpretar a realidade. (SANTOS, 2001:84)

Esta pequena digressão sobre a metodologia da ciência moderna serve para conduzirmos à reflexão de que as categorias utilizadas na linguística para a descrição do funcionamento das línguas esbarram em idênticas contradições.

A ambivalência na marcação de pessoa em Apinaje, variando em verbos em que estas variações não seriam esperadas, sugere uma aproximação entre sujeito e objeto, ou até uma continuidade do sujeito no objeto. Em verbos que apresentam uma contraparte estativa e outra ativa como ‘ficar de pé’

Pa na pa ča.

(24)

‘Eu estou (aqui).’ (de pé)

Pa na pa icku?e.

(25)

‘Eu estou de pé.’

nos sugere que a questão maior aqui assenta na discussão a respeito das categorias sintáticas enquanto tais, visto que existe uma aproximação entre sujeito e objeto que transcende as definições propostas, esbarrando, por vezes, em disciplinas outras que oferecem, por sua vez, explicações próprias e talvez semelhantes para problemas conceituais análogos.

Em meio à batalha epistemológica, a distinção ontológica entre sujeito e objeto ganha ares de mero construto cultural, pois enquanto objeto do conhecimento foi sempre uma entidade cultural e não natural. (SANTOS, 2001:84) Assim, é possível vislumbrarmos o processo histórico que a engendrou e a desenvolveu. Constataremos então, que a assimetria entre essas duas categorias poderia ser equalizada, ao reconhecermos que constituem modos culturalmente diferenciados de o ser humano inteligir sua própria subjetividade.

Referências

AIKHENVALD, A.Y. Non-canonical marking of subjects and objects. In: **Typological Studies in Language (TSL)**, Amsterdam: John Benjamins Publishing Co..

ALCÂNTARA, M. L. B. et al. Um Breve Estudo Sobre Cognição e Simbolização. **Revista Imaginário - Dinâmica do Simbólico. n. 1.**

Disponível em: http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0024-04.shtml. Acesso em: 24 mai. De 2009.

CASTRO ALVES, F. O Canela falado pelos Apãniekrá e Ramkokamekrá: documentação de narrativas e descrição de tópicos da gramática. Projeto de pesquisa com financiamento do CNPq, processo 401387/2008-9, 2008.

_____. O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem / Unicamp, tese de doutorado, 2004.

_____. Evolution of alignment in Timbira. *IJAL*, 2006. 54 p.

_____. Propriedades formais do sujeito em Canela (Apãniekrá e Ramkokamekrá).

CASTRO ALVES, F.; TOSSIN, L.F. Intransitividade cindida em Jê Setentrional. Trabalho apresentado no VI Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê, Universidade Federal Goiás, 12-14 de novembro de 2008.

COMRIE, B. Language universals. In: **Language Universals and Linguistic Typology**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989. p. 1-56.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. revista e ampliada. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007. p. 607-610.

DaMATTA, R. A. **Um mundo dividido**: a estrutura social dos índios Apinajé. Petrópolis: Vozes, 1976.

DELANCEY, S. Lectures on functionalism syntax. Universidade de Oregon, EUA. Disponível em: <<http://www.uoregon.edu/~delancey/prohp.html#T>>. Acesso em: 21 out. 2008.

DIXON, R.M.W. Ergativity. In: **Language**, vol.55, n. 1, Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

ECO, U. **Como se Faz uma Tese**. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ENGELS, F. Humanização do macaco pelo trabalho, Apêndice I. In: **Dialética da Natureza**. Instituto Marx-Engels-Lenin: 1952.

GIRALDIN, O. **Axpên Pyrak. História, cosmologia, onomástica e amizade formal apinaje.** Tese de doutorado, IFCH: Unicamp, 2000.

_____. Um mundo unificado: cosmologia, vida e morte entre os apinaje. **Campos - Revista de Antropologia Social**, v. 1, p. 31-46, 2001.

Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/1567>. Acesso em: 06 jun. 2009.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1995.

_____. **Syntax: An Introduction Volume I.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2001.

GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: **Universals of Language**. 2. ed. Massachusetts: MIT Press: 1961. p. 73-113.

HAM, P. **Apinayé Grammar.** Summer Institute of Linguistics, 1961. Disponível em: www.sil.org. Acesso em: 24 mai. 2009.

HAM, P.; WALLER, H.; KOOPMAN, L. **Aspectos da Língua Apinayé.** Sociedade Internacional de Linguística: Cuiabá, 1979. Disponível em: www.sil.org. Acesso em: 24 mai. 2009.

KOOPMAN, L. Cláusulas semânticas na língua apinajé. **Série Linguística**, n. 5, p. 301-330, 1976.

LADEIRA M. E.; AZANHA G. Enciclopédia: Povos Indígenas no Brasil: ISA: Apinajé. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/apinaje/sit.shtm>>. Acesso em: 21.10.2008.

LEA, V. Problematizando a classificação das línguas Jê setentrionais e o rótulo Timbira. VI Encontro de Línguas e Culturas Macro-jê, Universidade Federal de Goiás, 12-14 de novembro de 2008.

LEWONTIN, R. Organismo e ambiente. In: **A Tripla Hélice: Gene, organismo e ambiente.** São Paulo: Companhia das Letras . p. 46-74.

MATURANA, H. Biologia do conhecer e epistemologia – Observações experimentais. In: **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 19-124.

MATURANA, H.; VARELA, F. Domínios lingüísticos e consciência humana. In: **Árvore do Conhecimento – As bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo, Editora: Palas Athena, 2001. p. 227–257.

MELATTI, J. C. **Curt Nimuendajú e os jês**. Disponível em:
http://www.antropos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=45&Itemid=34. Acesso em: 5 jun. 2009.

MITHUN, M.; CHAFE, W. What are S, A and O? **Studies in Language** 23:3, 1999. p. 569-596.

MITHUN, M. Active/agentive case marking and its motivations. **Language**, vol. 67, n. 3, 1991. p. 510-546.

NIMUENDAJÚ, C. The Eastern Timbira. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, vol. XLI. Berkely & Los Angeles: University of California Press, 1946.

_____. **Os Apinayé**. Belém, Pará: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1939 (1983).

OLIVEIRA, C. The Language of Apinajé People of Central Brazil. Tese de Doutorado, University of Oregon, 2005.

_____. Lexical categories and the status of the descriptives in Apinajé. In: **International Journal of American Linguistics**, n. 69, 2003. 243-274

OLIVEIRA, V. M. Território, memória coletiva, cultura material e imaterial apinaje: um estudo da etnoarte e dos saberes fazeres. 12º Encuentro de Geografos de America Latina: Caminando en una America Latina en Transformación. Montevideo. 2009. p. 01-11.

OLIVEIRA, V. M.; MARTINS, J. S. Memória e cultura material apinaje: um estudo exploratório na São José. IV Seminário de Iniciação Científica e I Seminário de Programas Especiais da UFT. v. 01. p. 01-04. UFT: Palmas, 2008.

QUERO, M. Pura Literatura. La política como representación. In: **Metapolítica. Política e Literatura**, México, 2002. n. 21, vol. 6. p 80-89.

RODRIGUES, A.D. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. Macro-Jê. **The Amazonian Languages**. ed. R. W. Dixon & A. Aikhenvald. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164–206.

SANTOS, B.S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 13ª ed. vol. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description: Volume 1, Clause Structure**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

VAN VALIN Jr.; ROBERT, D. Semantic parameters of split intransitivity. In: **Language**, 1990. n. 2, vol. 66. p. 221-260.

WALLER, H. E. **The conjunction nhum in apinayé narrative**. Summer Institute of Linguistics, 1974. Disponível em: www.sil.org. Acesso em: 24 mai. 2009.

———. A conjunção nhum na narrativa apinajé. *Série Linguística*, n. 5, p.7-30, 1976. Disponível em: www.sil.org. Acesso em: 24 mai. 2009.